

TEMA

[UNIÃO EUROPEIA]

Erasmus: um programa para construir a Europa

Na terça-feira comemora-se o Dia da Europa, e na Europa dos 25 há poucas iniciativas que tenham alcançado tanta adesão quanto o programa Erasmus. Criado em 1987, desde então 1,6 milhões de jovens participaram no projecto, contribuindo mais do que mil resoluções de Bruxelas para a construção de uma identidade europeia. Eis o retrato de uma ideia de sucesso

de Filomena Neves

Duas semanas depois de terminar o curso em Economia e Gestão, na Universidade de Budapeste, Lázlo Banhegyi já tinha emprego. Ficou numa grande multinacional norte-americana, ali mesmo na capital. "O Erasmus que fiz em Portugal, em 2004, foi um ponto a meu favor. As empresas dão preferência a quem tem algum tipo de experiência internacional e sabe várias línguas", garante o jovem húngaro, que em 2004/2005 fez um semestre no Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Lisboa.

As repercussões profissionais já seriam suficientemente importantes — e os números mostram que um em cada três jovens participantes no programa tem depois na sua carreira profissional pelo menos uma oportunidade de trabalho fora do seu país de origem. Mas um Erasmus vai muito além disso. "Foi uma experiência pessoal e intercultural fantástica."

Isto diz Lázlo, agora com 24 anos. Mas tem consigo um coro de muitos milhares de outros jovens, de todos os cantos da Europa. Programa-fávor da Comissão Europeia para a educação, o Erasmus é considerado "um grande sucesso" em Bruxelas.

As palavras são de Frédéric Vincent, o porta-voz da Comissão para a Educação, Formação, Cultura e Multilinguismo, que sublinha as ideias-chave que presidiram ao lançamento do programa, em 1987: promover a mobilidade e a construção da identidade europeia.

Num momento da vida em que muita coisa se decide — rumos profissionais, afectos, projectos —, o Erasmus acaba por ampliar muito as oportunidades e abrir um mundo de novos espaços de escolha. Há até novas famílias que nascem desses encontros entre jovens oriundos de diferentes países do Velho Continente, numa mistura, afinal, bem europeia (ver texto na outra página).

A adesão crescente, ano após ano, ao Erasmus, por parte dos jovens estudantes europeus, é outra medida do seu enorme sucesso.

Quando foi lançado, há 19 anos, o

programa começou por envolver pouco mais de três mil alunos. Mas a partir daí as coisas evoluíram rapidamente. No último ano lectivo (2004/2005), um total de 144 037 estudantes universitários dos 25 países da União Europeia (UE) e também da Roménia, Bulgária e Turquia fizeram um Erasmus, o que significou um aumento de 6,3% em relação ao ano anterior, que tinha por seu turno registado 135 596 participantes.

Esse número já representava um acréscimo de 9,4% em relação ao ano anterior. E assim sucessivamente, num olhar retrospectivo.

Desde que se iniciou, o programa já envolveu 1,6 milhões de jovens universitários, número que a UE considerava "um êxito só por si".

Semente para Bolonha

Para grande satisfação de Bruxelas, uma nova tendência marcou também o Erasmus no último ano lectivo (2004/2005): os estudantes dos dez novos Estados membros a leste, que entraram na UE em Maio de 2004, aderiram em massa à esta oportunidade de estudar fora do seu país, no que representou um salto da

1,6 milhões

É o número de jovens europeus que já participou no programa desde que ele foi criado, em 1987

3845

É o número de portugueses que fez Erasmus no último ano lectivo

4166

É o número de jovens de outros países da Europa que escolheram Portugal para fazer Erasmus no último ano lectivo.

ordem dos 36%. Foi essa leva que trouxe Lázlo até Lisboa. "O Erasmus tornou-se muito popular na Hungria logo após a entrada na UE e eu candidatei-me também. Tinha boas notas, fui seleccionado", conta.

Porquê Portugal? "Bem, já sabia inglês e alemão, por outro lado tinha a oportunidade do ISCTE e parecia-me que seria bom aprender português, que é uma língua latina com grande expansão geográfica. Fiz a boa escolha, porque também foi muito divertido. Outros colegas meus foram para universidades na Áustria e na Alemanha e para eles não foi tão bom ao nível do relacionamento pessoal", diz o jovem húngaro.

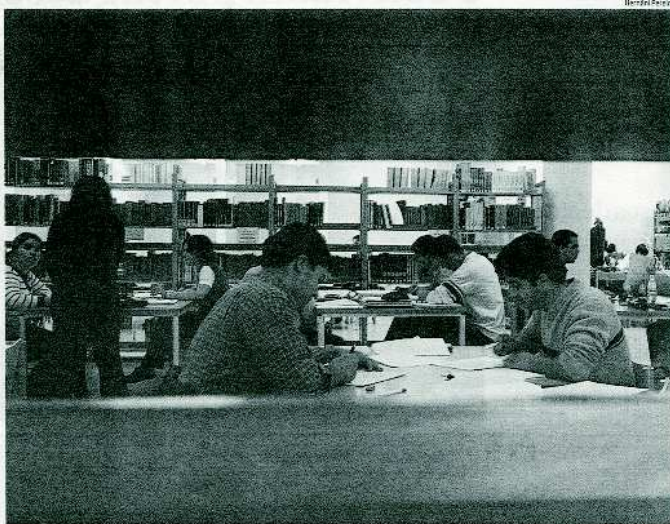
A aprendizagem de outros idiomas europeus, para além da língua materna, e, aliás, um dos objectivos expressos do Erasmus. E mesmo que essa aprendizagem não seja perfeita, fica sempre um punhado de frases essenciais e a familiaridade com a cultura dessa outra língua. "É isso que esta vivência dá, acabamos por perceber que não somos tão diferentes uns dos outros, apesar deirmos de diversos países da Europa", nota Lázlo, que não tem dúvidas de que

Portugal tem custos de periferia

O programa Erasmus tornou o nome de um dos eruditos renascentistas que melhor encarnou o conceito do humanista europeu — ensinou em universidades de França, Inglaterra, Itália, Suíça e no que é hoje a Bélgica. Não podia haver melhor símbolo de mobilidade. Não admira a sua popularidade entre os estudantes universitários, em que os portugueses não são excepção. Em 2000/2001, o número de estudantes que saíram de Portugal para um Erasmus noutro país europeu rondou os 2500. Cinco anos depois, esse número já era de 3845. O aumento anual rondou os 350 a 400. Motivação, portanto, não falta. Mas para muitos, o dinheiro é um problema, até porque os custos de deslocação de um país geograficamente periférico são maiores.

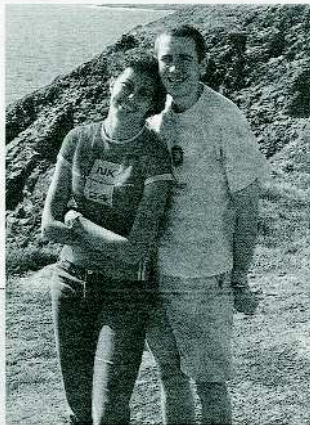
Que o diga a família Bernardes, de Sintra, cuja filha está actualmente em Colô-

nia, Alemanha, a fazer Erasmus. "Gastamos 200 contos por mês", conta o pai. Mas não põe em questão a vantagem da experiência. Foi por isso que decidiu suportar custos adicionais. Nem todos podem, no entanto, fazer esta escolha. A experiência de Isabel Ferand, coordenadora de Erasmus no Instituto de Estudos Jornalísticos do Faculdade de Letras de Coimbra, é a de um número elevado de desistências, "a rondar os 40%". Com um agravamento nos últimos anos, devido à crise. As famílias têm agora mais problemas financeiros. Mesmo assim os portugueses participam. Os países no topo das preferências são a Espanha, Itália e França (a facilidade linguística não será alheia à tendência) e as áreas de estudo mais representadas são as línguas e filologias, engenharias e tecnologia e de ciências sociais.



Estudar? O Erasmus é um programa para estudantes, mas é fora das paredes das universidades que reside boa parte do seu encanto

No último ano lectivo, 144 037 estudantes dos 25 países da UE e também da Roménia, Bulgária e Turquia fizeram Erasmus



saio "mais rico da experiência".

A um ano de completar o aniversário redondo de 20 anos, e depois de ter sido uma verdadeira semente para o processo de Bolonha no que respeita à mobilidade, o Erasmus enfrenta agora uma crise de crescimento. "A escolha futura é entre continuar a aumentar anualmente o número de participantes ou manter sensivelmente os mesmos, dando mais dinheiro a cada um", explica Frédéric Vincent. Seja como for, uma decisão orçamental deverá ser tomada dentro de um mês pelo respectivo conselho ministerial.

As bolsas que o programa atribui podem andar entre os 150 e os 350 euros mensais, conforme os casos, as instituições e os países, e não se destinam a pagar estudos, já que o seu objectivo nunca foi esse. É apenas um complemento financeiro. Mas para muitos jovens portugueses, no momento, esse pode ser um problema intransponível se o país onde são colocados tem um custo de vida superior. Uma parte acaba por desistir. Mas em muitos casos as famílias acabam a suportar os custos adicionais, por vezes avultados. I

O Erasmus atribui bolsas entre os 150 e os 350 euros mensais. Uma ajuda insuficiente para muitas famílias portuguesas

"Estou mesmo a ver que vens de lá com alguém"

© Sónia Morais Santos

Estava de malas aviadas para a Irlanda, integrada no programa Erasmus, quando a mãe, com a sabedoria das mães, vaticinou: "Estou mesmo a ver que vens de lá com alguém". Luísa riu-se. Na verdade, não podia imaginar que a sua vida estava à beira de se virar do avesso. No melhor sentido. Tinha 21 anos quando decidiu que sair do país era fundamental. Estava no 4.º ano do curso de Línguas e Literaturas Modernas, da Faculdade de Letras de Lisboa.

Só depois de chegar é que tomou consciência de que iria estar longe de casa durante dois semestres. Mas houve pouco tempo para saudades: "É quase certo que todas as pessoas que fazem Erasmus gostam muito de festas... E eu fizhei numas casas com sete estudantes. Havia festas todas as noites! Era uma loucura".

Na Universidade de Limerick, a experiência não podia ter sido melhor. Luísa destaca a relação informal entre professores e alunos, bem como o grande leque de cadeiras opcionais, que lhe abriam, sem dúvida, outros horizontes.

O que Luísa Mendonça não contava era que o prognóstico da mãe viesse a concretizar-se: "Conheci o Bruce num grupo de jovens cristãos. Confesso que conheci por ter uma péssima impressão dele. Achara-o arrogante e frio. Mas, como boa cristã que tento ser, procurei ser tolerante...". Graças a Bruce, em cinco meses depois (em Março de 2003), Luísa e Bruce, ela uma portuguesa católica, formada em Letras, ele um irlandês protestante, engenheiro informático, começaram a namorar. É o namoro não foi um daqueles relacionamentos breves, que o Erasmus tantas vezes propicia. No fim de 2003 ela voltou para Portugal, para tirar a profissionalização que lhe permite ser professora, e em 2004 ele veio ter com ela. Agora, vivem ambos na Irlanda. E o próximo dia 28 de Julho é o grande dia. O dia em que Luísa e Bruce vão casar, em Portugal. Um dia para agradecer ao Erasmus. I

A despedida da adolescência

© João Miguel Tavares

É o filme-pantufeta, o ícone por excelência do programa Erasmus - *A Residência Espanhola*, longa-metragem realizado por César Kapsch em 2002. Fixou em película o imaginário dilettante e pan-europeu do Erasmus, propondo um cruzamento irresistível entre aventura, indecisão, dores de crescimento, sexo e amizade - um retrato perfeito do final da adolescência. O sucesso, claro, foi imediato: três milhões de espectadores, só em França.

Recore-se a história: Xavier é um jovem francês à beira de entrar no mercado de trabalho e com necessidade de aperfeiçoar os seus conhecimentos de espanhol. Aproveitando a boleia do programa Erasmus, instala-se em Barcelona, num apartamento que é uma pequena Babel europeia: um italiano, uma inglesa, um dinamarquês, uma belga, um alemão, uma espanhola. Um quarto

da UE, enfim, em carne e osso, e sem fato nem gravata.

Xavier acabará por aperfeiçoar o seu espanhol, certamente, mas não devido à assiduidade que dedica aos bancos da universidade. Pelo contrário, inclui alguns meses de paixões amorosas e desvarios copulatórios, cimentando amizades (que serão prolongadas num filme que funciona como uma espécie de sequel de desencantada, *As Bonecas Russas*) e fazendo justiça ao *petit nom* que o programa Erasmus ganhou um pouco por toda a Europa, entre os especialistas da farra - programa *ergasmus*.

Mas os moralistas que se contentam, *A Residência Espanhola* é um bom filme, sobre um assunto intemporal, que o Erasmus também simboliza: a despedida dos belos anos da universidade, antes do emblema laboral. Que a construção europeia seja o pato de fundo, eis uma feliz coincidência, ainda por cima de ironia: a futura do filme-propaganda do programa Erasmus não recebeu um único euro da União Europeia. I



Protagonista Ramon Duris (à esquerda), hoje uma estrela, interpreta Xavier



Festa 'A Residência Espanhola' fez três milhões de espectadores só em França



FEIRA DAS VIAGENS

O MUNDO AO MELHOR PREÇO!

BEST TRAVEL

DE 4 A 14 DE MAIO
EM TODAS AS LOJAS

707 200 230 www.besttravel.pt